

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de Antropologia

70.910 - Brasília - DF.

Fones: 273.3264 (direto)

274.0022 - ramal 2368

SÉRIE ANTROPOLOGIA Nº 72

1988

PERSPECTIVAS DE OCUPAÇÃO DO CERRADO

NA REGIÃO DE BRASÍLIA

OU

NOTAS PARA UMA ANTROPOLOGIA DO SERTÃO

Prof. Luiz Tarlei de Aragão

1  
2  
3

4  
5  
6

7  
8  
9

1000

1000

.....

"Aos meus amigos do "santuário" do vale do Urucuta, o Vicente Neves, o Pinduca, o Tiaõ Magalhães, o Nhãzinho, o Manelão, e tantos outros, e, com eles, essa visão de mundo, separada, do Sertão".

Professor Luiz Tarlei de Aragão

Prof. Luiz Tarlet de Aragão

Dentre as regiões brasileiras, o cerrado foi nos últimos vinte anos, submetido a transformações as mais radicais nas técnicas produtivas, e no próprio modo de vida, secularmente característicos desta parte do país. Refiro-me a uma modalidade específica do processo produtivo, a um sistema de festas, a uma linguagem e a costumes que existiram aqui durante exatamente dois séculos e meios de história de ocupação da região, que buscaram desmoronar-se diante de uma modernidade tecnológica maciça.

Todo o Sistema social e produtivo vai se tornando aos poucos reliquia cultural, já que, em suas dimensões técnicas, materialmente aproximava-se do neolítico (domesticação de alguns animais - alças, trazidos ainda pelos portugueses -; seleção e cultivo de algumas plantas - a maioria a delas trazidas da Índia e da Malásia e do próprio "reino" -; utilização do fogo, no sistema de *burnsh and burn*, ou das colvaras, como se diz localmente), naquilo que Antônio Cândido em seu já clássico "Parceiros do Rio Bonito" chamou de cultura rústica, ou cultura capriza. Caracterizada por pequeno excedente de produção, ênfase no lazer e um sistema de festas particularmente performante. Festas, alças, como em toda civilização rural, onde o fundo religioso dava coloração e ritmo as atividades econômicas e de reprodução social.

As antigas cidades da região, quase todas criadas em torno à corrida do ouro, essencialmente no início do século XVIII, além de importante reserva de mão de obra para as grandes propriedades - as fazendas - e de centros irradiadores da religião, de Administração e de Justiça, vem-se de repente transformadas em polos agenciadores de uma transformação estrutural, onde a moderna agro-indústria e os serviços têm lugar de desta-

que. Nesse processo de modernização da agricultura ocorrido em curtíssimo espaço de tempo e cujo início coincide com a alta considerável dos preços dos produtos agrícolas no mercado mundial dos anos setenta, a implantação de uma nova tecnologia nesse domínio veio apenas assessorar um golpe de misericórdia nos últimos bastiões da formação social tradicional da região: as pequenas sociedades locais dessas cidades históricas, que cercam Brasília num anel singular, de um passado, hoje, em esvanecimento. A partir da chegada de Juscelino Kubstichek à região, em 1956, iniciaram-se os reajustes e reacomodações no sistema local de relações de poder, no modelo de reprodução social. A descida nestes ermos do plano central dos primeiros administradores, aqui chegados como todo-poderosos representantes do Estado, como que colocara sob sentença as velhas crenças e costumes, e deram-se conta disto os mais atentos, dentre esses antigos homens do Sertão. Do ciclo agrário, do sistema de festas e da religiosidade tradicional, que de certa forma serviam como ossatura solidificada e articuladora da atividade produtiva - ainda que esta fosse condicionada em parte aos caprichos climáticos, resta hoje muito pouco. São relíquias que, como tal, funcionam virtualmente apenas, como testemho desse antigo universo de regras, de crenças, de cultura material e de técnicas, das antigas populações do cerrado.

De repente, e muitas vezes de forma abrupta, a ação ordenadora do poder central, através de seus representantes-delegados, provocou a dissolução das estruturas que fundamentavam uma visão de mundo própria, e onde as grandes transformações havidas na agricultura e na indústria, no país, repercutiam neste sertão de forma tênue, mais como noticiário de jornais do que propriamente como premissa a novo compasso de vida, e muito menos como uma inevitabilidade inscrita nos destinos da região. Israel Pinheiro, a quem se reconhece os feitos em lapide plantada em plena praça dos três poderes, em Brasília, deixou marcas indeléveis de sua passagem, nem sempre cordata e amável, entre os velhos habitantes da região. Mais de um deles, nos revelaram pormenores da forma como se revestiam as negociações em torno as desapropriações para a construção de Brasília. A-

Na década de setenta, bem em seu início, nomes como Jules  
 de Montello, Mardim e Galmaraes, em Planaltina (antiga Vestre d'Armas) ;  
 de Araujo e Roriz, em Luziânia (antiga Santa Luzia); de Ornelas, Palva e  
 Rezende, em Formosa (antiga Vila dos Couros), dividem cercas no cerrado  
 com os novos coronéis - os empresários e burocratas bem sucedidos, e em  
 franco processo de dominação do cerrado, cujos nomes - Curry, Fossi, Mar-  
 tins, Maurisano, Chesti, Schneider, Sanches, Andrade, Adriano, Gassani - a  
 testam de suas origens diversas, social e geograficamente falando. Nelas,  
 igualmente, não ressoam mais as antigas desatenções cuidadosamente cultiva-  
 das entre os Calados e os Borges, do Goiás de antes. Os antigos monarcas,  
 lá onde haviam de uma forma ou de outra, escapado as desapropriações mais  
 ou menos sumárias, viam brincar do outro lado de suas cercas capins mirou-  
 losos como as praquitaras roziense e decumbens, o andropogon e o tobola-  
 ta nunca vistos, e que viam competir de forma absolutamente desigual com  
 os tradicionais "capim branco", "provisorio" ou "jaraguá", "meloso" ou "ca-  
 pim gordura". Nesse mesmo latossolo vermelho, ou amarelado, mais  
 agora traco, alio e degradado pelas queimadas centenárias, vinham  
 viver, como por milagre, cá e lá, os primeiros campos de soja, de arroz  
 e de milho, estes antes somente cultivados na "terra de cultura", encon-  
 tradas nos "vaos" formados pelos rios que descem da chapada rumo a uma  
 das três grandes bacias brasileiras (do Amazonas, do Prata e do São Fran-  
 cisco), e que têm nesta região seu lugar geométrico, seu ponto de inter-  
 secção. Máquinas, estradas, luz elétrica, televisão, telefone, dinheiro  
 novo, diferente do antigo, no ganhar e no gastar, tudo isso já havia che-  
 gado com Brasília, mas agora, nos anos setenta, gangrenava-se o sistema

lação ao resto do país.

turo, como grupo humano diferenciado e consciente de seu isolamento em re-  
 escritor da região (2), cedendo lugar agora à incerteza do seu próprio fu-  
 mais, traduzidos diga-se de passagem em dois grandes romances pelo maior  
 dres pelos novos; a incerteza do clima, e as lutas de "clãs" tradicio-  
 "ocorrer" mais quinze anos passados, com a substituição dos antigos  
 pá  
 quillo prenunciava para muito deles o "fim do mundo"; como de fato

Alinda que tudo não tenha desaparecido irremediavelmente, como dissemos, muita coisa mudou, e do entrecolcho de duas tendências, direções, medidas as novas disposições sociais e econômicas tomarão formas de realidade na reordenação social. Assim, é nossa intenção no que se segue detalhar na medida do possível, o que consideramos a tendência central nessa mudança que levará à implantação de um novo modelo regional, acreditamos, no que concerne o processo produtivo, o sistema de relações e de valores sociais. Portanto, longe de nos a pretensão realmente descabida, como seria no caso, de tentar qualquer prognóstico sobre aquilo que poderá realmente

ser enterrada sem funerais a altura, que certamente merecia. no primeiro embate, e aceita, num caso típico de embarrago ontogenico, de não entender claramente o processo de sua decretação a morte, dispersa-se por banho (3), mostra com clareza os ângulos de uma visão de mundo que, por te a morte. Essa "visão dos vencidos" que narramos alhures, em outro traço venderia mais tarde parte a particulares, e a última parte usufruía a Asa Sul; e a outra metade, que lhe reconhecessem a propriedade, da qual e com Israel Pinheiro enquanto pode. Trocou metade da fazenda por lotes na e sem herdeiros nomeados, tirou proveito dessa mudança de eras e negociou tagão de água para a parte norte de Brasília, Diogo, o velho, sem filhos za hoje parte da reserva de Santa Maria, nascente do Torto e bacia de captação a morte, como ocorreu com o antigo proprietário da área onde se localizavam as dades sem luta, e alguns mesmo se deixando tomar por completa lassidão a da instalação de uma nova era. E, enquanto outros entregaram suas propriedades (ele mais que outros "nativos") da aproximação de um "fim de mundo", e versas vezes antes de sua morte, essa percepção que tivera, premonitória São Bartolomeu, já na divisa do município de Luziânia, transmitiu-nos di toda a área que vai hoje do aeroporto de Brasília até as margens do rio os antigos. Alías, Diogo Pacheco de Araújo cuja fazenda primitiva cobria dou de jeito. "Valha-nos Deus, que o mundo se acaba", teriam mesmo dito da arnica e da canela de emba; de repente, tudo tomou valor distinto, mudou esse antigo em seus redutos tradicionais do cerrado ralo, e do cerrado ralo,



No lugar exato onde se encontra hoje o plano piloto de Brasília, encontravam-se, em divisas, uma fazenda de D. Morena, do "clã" dos Monteiro Guimarães, de Planaltina, e uma outra, acima citada, de Diogo Paçoca de Araújo, dependendo do furo de Luziania. Eram campos cerrados de passável qualidade para o pastoreio do gado, esse elemento capital para o modelo de povoamento esparsos do cerrado local, como observou Cassiano Ri-cardo, em seu "Marcha para Oeste", onde trata da "expansão interna", e que hoje chamamos mais frequentemente de "fronteira". Na paisagem antiga do lugar, viam-se a parte o anel distendido de povoados e de pequenas vilas.

### Perspectiva Histórica: A Antiga Paisagem

te ocorrer num futuro próximo, nesse domínio das perspectivas de ocupação do cerrado, independentemente do interesse ou não desse tipo de exercício, cada vez mais legitimado por procedimentos quantitativos que saem menos da cabeça dos cientistas que das "tripas" do computador. Interssamos, portanto, mostrar ao leitor, em primeiro lugar, o longo período de formação, de um modelo social e produtivo e, em seguida, de uma espécie de congelamento do mesmo nesse segmento territorial do país. Segmento constituído hoje em unidade geo-política precisa - o Distrito Federal - que esteve sob a jurisdição e tirocinio dos antigos habitantes bandeirantes, garimpeiros, índios, e negros que para aqui chegaram no resto do ouro abundante e fácil. Em seguida, consideraremos o encontro dessa cultura (que se origina, na região, a partir do início do século dezoito, de quando datam quase todas suas cidades mais antigas) com aquela que se instala aqui a partir de meados da década de cinquenta, e que quinze anos depois, torna-se efetivamente predominante com o movimento efetivo de ocupação do cerrado, nessa área. Consideraremos, por último, o mesmo aspecto socio-econômico dessa mudança, hoje, em seus aspectos mais centrais, e definidores, ao que tudo indica, de um modelo mais ou menos definitivo de relação do homem com a terra, e sua exploração ainda, como padrão social regional, tendo-se a terra, e sua exploração ainda, como padrão social regional e referente simbólico maior.

dades, as fazendas e as pequenas habitações - os "retiros" - dos agregados e meeiros, bem como as cavernas de talpa e de palha de burris dos posses-ros. Ainda que a caça não faltasse e fosse aqui muito numerosa (antais, ca- tetos, queixadas, capivaras, veados, pacas e emas)<sup>(4)</sup>, particularmente os índios, que poderiam ter a parte de sua sustentação alimentar, não eram presença de marca na região.<sup>(5)</sup> Pouca notícia fornece deles o naturalista austríaco João Emanuel Pohl que atravessou este pedaço do Sertão entre 1818 e 1821. Na verdade, após haver passado a pouco mais de 50 quilômetros do atual eixo monumental de Brasília, no percurso que ligava o Rio de Ja- neiro a Goiás Velho, antiga Vila Boa de Goiás, passando por Paracatu, Lusi- ana, Santo Antônio do Descoberto e Pirinópolis (antiga Meia Ponte), o au- tor somente nos fala de índios, mais precisamente, dos Catapos, a partir da página 360 do primeiro volume que corresponde à descrição de sua visita ao aldeamento de São José de Mossamedes. Os outros grupos indígenas dos quais teve notícia, que haviam igualmente habitado a aldeia - uma redu- ção militar -, os Açoas, Javães e Carajás, já haviam desaparecido, certa- mente pouco tempo após terem sido levados à forja do sertão do Duro, adian- te de Arraias, para lá morrerem. Os Xavantes encontravam-se já na época, tais a Oeste, adiante, na zona de mata onde se apresentaram sempre como ex- celentes guerrilheiros, protegidos pela espessa camada vegetal naquela re- gião.

Outro autor<sup>(6)</sup> observa igualmente o desinteresse do gentio pelas regiões descobertas de cerrado, e cita Silva Braga, um dissidente da bandeira do Anhanguera, "nos três anos de tropelia sertaneja, parece, sobre os terrenos mais desnudos da porção central de Goiás, uma única al- cota deparou-se aos bandeirantes". Esse mesmo autor observa o fato de que os Catapos foram "reduzidos" e levados para os aldeamentos, montados pelos brancos em lugares estratégicos, após duas secas sucessivas de grande in- tensidade entre os anos de 1772 e 1782, que teriam reduzido as fontes eco- nômicas de coleta e de caça, a baixo nível de reposição, o que teria leva- do o Catapo a se render<sup>(7)</sup>. A ausência do indígena na região coloca um pro- blema que, em nosso entender não pode ser resolvido apenas em termos

Um enfoque analítico-descritivo da antiga paisagem da região

trativa, sobretudo aurifera. sertão após o esgotamento repentino, e, sobretudo precoce, da atividade ex sustentação da reprodução social e biológica das populações que ficaram no mestiçagem de "raças" (brancos e negros) encontraram-se os dois pilares de tar algumas, dentre as mais próximas de Brasília. Nessa endogamia local, e Alto Paraiso (antiga Chapada dos Veadeiros), São João da Aliança, para ci- O fenômeno é particularmente visível em pequenas cidades como Nova Roma, des auríferas pouco após o esgotamento de seu ouro e diamantes de aluvião. negros, produto muitas vezes do isolamento em que caíram as pequenas cida- as, deu-se, no entanto um amplo processo de mestiçagem entre brancos e magão da massa populacional mestiça que adentrou o São Francisco". Em Goi- indígena, nos termos de Gilberto Freyre, "responsável no nordeste pela for- dio não contribuiu, no caso de Goiás, para aquela atividade genética luso- Como lembra o autor acima citado, mal grado, bom grado, o In

tivas, em pleno "deserto", qualquer que seja a razão para o fato. so, encontramos-nos, no que se refere à presença de populações ditas primi- prisionado com os meios dos quais dispunham aqueles indígenas. Em todo ca- ra se encontrar peixes verdadeiramente em abundância e que pudessem ser a- res ou não, como é o caso do Parana, do Prata, do Urucua, do Araguaia, pá- 600 metros mais baixas), nos vãos calcários e de grandes florestas, cilia- descer a curvas de nível da ordem já de 500 a 700 metros (portanto, 500 a tes de proteína animal, não é abundante na chapada. Na região é necessário mento importante na dieta do índio, particularmente no que concerne a ton- ção pelo inimigo. É bem verdade, por outro lado, que o peixe, outro ele- de de defesa no campo aberto, exposto que ficava o grupo a fácil localiza- vez essa questão ecológica fosse melhor equacionada em termos de dificuldã os diversos cocos que surgem abundantes em numerosas partes da região. Tal o jatoba, a mangaba, o araticum, a pitanga, a guabiroba, o café do campo, nia. Tinha-se aqui o pequi em abundância, o marmelo silvestre, a guapeva, sem contudo chegar talvez a densidade, e sobretudo, à variedade da Amazônia - abundantes caga e coleta, já que as frutas no cerrado não deixam de ser

geralmente, essas fazendas se distribuíam, dependendo da fer-  
tilidade do solo, e do tempo de implantação dos colonizadores na região (o  
que confluía, em certa medida, o estoque populacional colonizador em pre-  
sença), a distância de 4 a 10 quilômetros umas das outras, podendo essa  
distância se reduzir a bem menos, às vezes a apenas algumas centenas de me-  
tros, em função da escala da propriedade original, (como pudemos observar  
num belo modelo desse tipo, recentemente no vale do Urucua. Ali as casas  
dos filhos, em número de três, casados e decididos a continuarem na propri-  
idade, se distribuíam acima e abaixo da casa principal, à beira de um dos  
pequenos formadores daquele rio). A transmissão da herança se faz em divi-  
são igual entre filhos e filhas, sem privilégio de quintão, a não ser  
do cacula que preponderantemente herdava a sede da fazenda, sendo os outros

ao contrário do fazendeiro que se casava "no civil", e "no religioso".  
da e dos empregados, geralmente "mestiçados", ou apenas casados "no padre",  
telos, dos meeiros e agregados e das crianças, filhos dos donos da fazen-  
da constituía-se normalmente do casal parental, dos empregados casados e sol-  
teiros, e a realização de um modelo de processo produtivo quase autárquico.  
miliar, constituía-se em unidade doméstica, e em elemento completo de capa-  
cidade de defesa e o ataque dos mosquitos. A fazenda, mais que uma unidade tá-  
tica a estação chuvosa longa (de 6 meses em média) poderia propiciar a erup-  
ção de febre e o ataque dos mosquitos. A fazenda, mais que uma unidade tá-  
tica dentro de casa, à vazante; e evitando as baixadas mais úmidas, onde um cli-  
ma e desviando-a por gravidade, à montante, para que passe literalmente  
mente à beira dos rios e riachos, ao mesmo tempo captando a água providen-  
te, no Sertão, localizam-se no baixo do terreno ondulado, sem estar exatã-  
mente a beira dos rios e riachos, ao mesmo tempo captando a água providen-  
te, sua localização. Trata-se de um dos detalhes mais decisivos e caracte-  
rísticos dessas entidades sócio-econômicas, já que praticamente todas e-  
ram antigas fazendas de criação extensiva, típica do Centro-Oeste. Em primeiro  
lugar, sua localização e de reprodução social por excelência que é a  
semos da unidade de produção e de reprodução social por excelência que é a  
que é mais a excessão que a regra no Brasil pré-cabralino -, se não falas-  
semos mais, e da ausência do elemento indígena, mesmo de pequenos grupos - o  
que é mais a excessão que a regra no Brasil pré-cabralino -, se não falas-  
semos mais, e da ausência do elemento indígena, mesmo de pequenos grupos - o

irmãos obrigados a "Levantar morada" em antigo retiro, ou se casar com herdeira, nas proximidades, de família que não teve varão, ou mesmo tendo-os, sobrou a terra. A simplicidade, mesmo a rusticidade ascética dessa gente do sertão do Centro-Oeste, em geral espanta. Muitas vezes o fazendeiro "de muitas posses", ou seja proprietário de muitos bens, entre os quais algumas fazendas, além daquela, principal que herdou de família, e de casa na cidade mais próxima, organiza sua vida material, no que tange ao conforto, da maneira mais despojada que se possa imaginar. Na varanda uma rede, quando tem, uns bancos ao longo, algumas cadeiras toscas. Na sala de visitas, uma mesa de centro com um pequeno vaso de flor quatro cadeiras, eventualmente retratos de grupo de irmãos, com destaque para a fotografia, de mãos e irmãs adolescentes e jovens em torno ao "casal fundador". Ao lado, igualmente em posição de realce, a fotografia de casamento dos donos da casa, algumas vezes, mais aquelas do mesmo casal, no batismo dos primeiros filhos, ladeados pelos padrinhos. Na sala de jantar, uma grande mesa, onde frequentemente comem juntos o patrao e os empregados mais antigos, servidos pela esposa e pelas numerosas "filhas de criação", algumas delas eventualmente produto da união concubínosa do fazendeiro com alguma empregada branca ou negra. Nos quartos, as camas de madeira, com estrado de tiras de couro, ou cipo, algumas vezes de tabua, os colchões de crina de cavalo, os travesseiros de palha, ou tudo em capim próprio para esse fim. A cozinha, com o fogão de lenha, e com uma mesa para o café e a prosa entre o dono da casa e pessoas já mais habituadas e conhecidas, podendo aí mesmo ser servida a refeição. Para a higiene, uma casa de banhos geralmente na parte lateral da casa, aproveitando o desnível do terreno para captar água diretamente da bica d'água que atravessa a varanda posterior, contígua à cozinha. Os resíduos e excrementos são jogados diretamente na corrente do rego d'água, ou encaminhados para uma fossa.

A unidade social em questão sobrevive e se reproduz, do ponto de vista econômico, com a criação extensiva de algumas centenas de cabeças de gado, raramente depassando a casa do milhar de animais, sobretudo,

Assim, no geral. No entanto, próximo a terrenos auríferos na origem da colonização, o estado de indigência poderia ocorrer realmente. O naturalista austríaco que citamos acima, revoltou-se contra duas coisas em todo seu avatar de penas e sacrifícios no qual se encontrou durante os três anos que percorreu estes ermos, no começo da década de 20 do século passado: 1) as chuvas na época chuvosa (sua intensidade juntada aos trovões e relâmpagos); 2) o abandono do solo. Depois de observar que aqui se nas a grande pa manejada por escravos, sem resultados notáveis, assim se

era com Deus - outras conversas.

parava, em sua sobre, a acomodação. O imprevisto, que podia ocorrer, isso dago pequeno se tirava muito para se fazer fatura o ano todo. O espaço em fosse colocado no momento certo, em terra boa, e a chuva ajudando, em pe- fórmula da criação extensiva aliada à cultura de subsistência. Se o fogo gaudos. O goiano mesmo da região, o típico, preferia insosistavelmente a dente e a rapadura. Nestes casos eram sempre muito admirados, mas pouco se carne, ou, dispondo de engenhos, plantavam a cana de açúcar para a aguar- de de milho é arroz para a criação do porco para o fabrico de banha e a dade, se aventuravam a uma plantação mais respeitável em grande quantida- dispoñio de terra roxa estruturada, ou "brunizem" avermelhado em quanti- tação chuvosa (setembro-outubro) lançar-se a primeira semente. Alguns, matada (ou descolvarada) e queimada, para em seguida logo no começo da es- o feijão, sempre para o consumo, nas capoeiras antigas a cada ano era des- São Paulo. Plantava-se, e ainda se planta, além disso, o milho, o arroz e lhares de cabeças de bois em demanda do Triângulo Mineiro e do Estado de de Anápolis, ou de Goiânia, e em muitos casos descolam manadas de alguns mi- os bezeros, ou a bolada, para comprador da cidade mais próxima ou mesmo do já em processo de extinção. Uma vez por ano se separava e se vendiam serviço praticamente em toda região geoeconômica de Brasília, mesmo estan carro de boi, originário de Portugal, e que ainda hoje pode ser visto em ca para a tração. Esta é resolvida fazendo-se apelo para o tradicional bovinos, e alguns cavalos e muaras para o serviço com o gado, e quase nun

Se, como lembra Cassiano Ricardo, em sua Marcha Para Oeste, já citado, no Brasil esse avanço para Oeste deu-se um século antes do mesmo fenômeno nos Estados Unidos, mais uma vez, em nosso entender, a comparação com os empreendedores e urdidors irmãos do norte, não cabe; e de imitarem gabarito. Aqui esse movimento deu-se em correntias, de bandos que avançavam mais ou menos isolados e sem eco institucional duradouro, fixador, maior. Eram verdadeiras cidades-ambulantes, os grupos desses primeiros e arroja-dos descobridores de Goiás, no que concerne sua morfologia e dinâmicas sociais. Não tinham nada a ver com grupos de famílias bem constituídas e amparadas pela fé reformada, transparente, quase fisicamente palpável, orientadora do mundo e das relações. Uma linguagem só, para cada homem e cada mulher, ltrmados na busca de cantão onde lançar suas raízes e reproduzirem para o bem da América e a glória de Deus. No Brasil, (no Centro Oeste talvez que em outras partes), as coisas se passaram - distritamente

#### O encontro

social. Formação, por mais que os artigos comportamentos vão se tornando reliquia de artigos, argumentos para não se aceitar tão de repente o novo, a trans-ram, o linguajar também, e ca e acola a manifestação de crença na validade sem era o certo, que não acabou de todo, todavia. Algumas festas fica-no que toca a sua descrição da "fase agrícola" do Policarpo Quaresma. As- e sobre o povo brasileiro, ecoando-nos aqui o bom Lima Barreto, sobretudo Decididamente, Pohl carecia de maiores informações sobre o clima da região jantes que transitam pela estrada principal para a capitania de Goiás. (8) gêneros de primeira necessidade para consumo dos habitantes e para os vie-do próprio solo. Compensaria largamente, de certo, o cultivo regular dos breza. ... Sem dúvida, o maior mal está no completo abandono da cultura za que a mão da natureza depositou em seu solo, entranquecem na maior po-cal), esses pobres habitantes levam uma vida miserável e, com toda a que- sar de tudo (quer dizer, da grande quantidade de ouro e diamantes do lo- refere o autor ao chegar ao arraial Pitões, adiante de Goiás Velho: "Apé-

No entanto, se no que concerne a tipologia de migração interna acima evocada, e igualmente em relação à ausência de uma noção nítida, um valor claro, do bem público e da nação (o que deu origem ao patriotismo) (10), a região se junta ao resto do país, no que diz respeito aos ciclos econômicos nacionais ela se separa sem dúvida do caudal dominante nacional. Passado o ciclo do ouro, não se dá aqui o ciclo do café, ou do algodão, como já não se tinha vivido na região o ciclo da cana-de-açúcar. Passado o ouro, "planta-se" o boi, de rentabilidade quase residual, nas condições de criação extensiva e pouco controle zootécnico e sanitário, mas valor seguro já que, em muitos casos, moeda de troca e símbolo de prestígio que se aferra diretamente do número de cabeças da manada, e da extensão da terra. Por mais elementos, ou longos, que tenham sido esses ciclos alternas - a cana nas antigas matas do Nordeste (particularmente, nas matas de pau-brasil, a famosa especiaria tintorial ou "bois de Pernambuco", como diziam os franceses), o algodão (já no início do século passado, favorecido pela Segunda Guerra da Independência (1812-14), nos Estados Unidos, que afastava momentaneamente a Lustraria do cenário concorrencial), e o café

da Zona da Mata mineira, esta de colonização mais tardia. da e fértil do Nordeste, bem como do Vale do Paraíba, do Sul de Minas, e ser destacado do resto do país, mesmo da cultura do litoral, da costa humilde da população que nela habita". Efetivamente, nisto o Centro Oeste não deve base econômica sólida e orgânica, isto é, a exploração nacional e ocidental sempre. "... a colonização não se orientara no sentido de constituir uma base para um mercado exterior longínquo, um comércio instável e de se plantar algodão ou café: simples oportunidade de momento, com vista cultivar a terra: "cultiva-se a cana como se extrai o ouro, como mais tarde passado. A atitude predominante é extrativista, mesmo quando se trata de o que espartara St. Hilaire que viajou igualmente em princípios do século pre que havia um ponto qualquer em que se estaria melhor que no presente", simples vagas esperanças de outras perspectivas. Todo mundo imaginava sempre. Como lembra Galo Prado Jr., (9) "emigrava-se às vezes para nada, e com



Ate ha duas decadas os campos do cerrado sempre foram trata- dos com desdém: nao serviam para a agricultura - os "milagres" do calcareo e do arado nao havia chegado aqui - , suportavam poucas cabeças de gado, so sendo usado na seca, o que os levava a adquirir mais terras, expandindo seus domínios a dimensao dos latifundios, ou então, simplesmente, ocupando de "largas". Comprava-se fazendas a par do crescimento do rebanho, merce de uma boa administração deste. Havia uma atitude generalizada de desprezo pe- los campos, onde, por melhor que pudessem ser, crescia apenas o "capim

### A perspectiva moderna

Ilfamento face ao moderno, como mostraremos abaixo. vez ante a propria condicao humana, seguiu-se o espanto com o novo, e o a- pessoas neste universo do grande Sertao. Ao pasmo (12) ante o mundo e tal- os rigores da natureza e o isolamento do resto do pais haviam imantado as nao hesitamos em chamar de fortemente contemplativa e fatalista, tanto preservação de uma cultura (um processo produtivo e um sistema de valores) que des, chegava ao cerrado. Estava encerrada a fase de quase dois seculos de e suas sem-cerimonias no trato da terra e na consideração das dificuldades no começo da decada de setenta. A agricultura de exportação, com suas leis momento da construção de Brasília, a partir de 1956, e a nudeza do choque, mo, de existência. O Sertao ficou para tras. Dal o espanto do encontro, no todas bandeirantes, antigas, datadas de mais de um seculo e meio, no mi- e São Paulo, ficando o Sertao do centro à merce dos valores e de técnicas, no Rio de Janeiro, para sua aclimatação, banharam exclusivamente a costa para as Indias, inclusive criando-se o Horto Real, hoje Jardim Botânico, cultivo de novas plantas, num renascimento do sonho quinhentista da rota vas doações de sesmarias pelo Estado (11), e promoção por parte deste de nossa agricultura voltada para a exportação, nao chegou a região. As no- gues no Brasil, no romper do seculo passado, o processo de evolução típico sada por incentivos oriundos da instalação do Estado Absolutista Portu- o Centro Oeste. Produto direto da mudança radical em nossa economia cau- seculo passado, inicio deste seculo - eles nao atingiram, definitivamente,

Caracterizado como um período onde a terra passa a ser realmente vista como meio de produção de mercadorias, o período que se segue a partir de 1964 e vai até 1977 assiste à concentração fundiária e a exigência de apresentação de um "Plano de Utilização dos Lotes", para fins de arrendamento. Esse período é considerado igualmente como tendo sido transição. O terceiro momento se inicia em 1977, com a implantação do PA - DF, Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal, e dura até o presente. O plano a base do Programa previa uma racionalização de esforços com o objetivo de aumentar o produto interno da agropecuária da região e fortalecer a oferta local de produtos alimentícios, impulsionando o desenvolvimento da horticultura, fruticultura, a pecuária de pequeno porte e

Em trabalho sobre o processo evolutivo de ocupação das terras do Distrito Federal, a Professora Vilma de Mendonça Figueiredo e uma equipe de pesquisadores desenvolveram três fases de ocupação desse espaço. A primeira fase se encerra em 1957, com as medidas para a implantação da nova capital. Este período segundo a socióloga se caracterizaria pela legislação tendente a propiciar condições reais de criação de uma reserva de terras e de mão de obra para a capital, dividindo-se a terra desapropriada em pequenas parcelas concedidas em arrendamento a produtores sem condições técnicas e econômicas efetivas de exploração. Essa terra, legada igualmente, como estímulo adicional à transferência de funcionários públicos para a nova capital, não foi usada como meio de produção capitalista, e neste consistiria a principal característica desse período.

(13)

Em trabalho sobre o processo evolutivo de ocupação das terras do Distrito Federal, a Professora Vilma de Mendonça Figueiredo e uma equipe de pesquisadores desenvolveram três fases de ocupação desse espaço. A primeira fase se encerra em 1957, com as medidas para a implantação da nova capital. Este período segundo a socióloga se caracterizaria pela legislação tendente a propiciar condições reais de criação de uma reserva de terras e de mão de obra para a capital, dividindo-se a terra desapropriada em pequenas parcelas concedidas em arrendamento a produtores sem condições técnicas e econômicas efetivas de exploração. Essa terra, legada igualmente, como estímulo adicional à transferência de funcionários públicos para a nova capital, não foi usada como meio de produção capitalista, e neste consistiria a principal característica desse período.

letra, além de algumas grandes culturas. Como observa a autora acima citada, o plano parece consubstanciar a ideia da implantação de uma agricultura moderna, de caráter e substância capitalista, propriamente dito, já que "o uso intensivo de máquinas e o ponto mais enfatizado do Plano"

No interior desse processo de diferenciação, foram se acumulando problemas de estrutura, que de certa forma definem essa perspectiva de ocupação do cerrado. Em nossa opinião eles são de três ordens. Em primeiro lugar, de ordem ideológica, em segundo lugar de ordem técnica e finalmente, conjuntural. Senão, vejamos. - Montesquieu - filósofo francês afirmara certa vez que a produtividade de um solo se define menos pela qualidade do mesmo, que pela liberdade daqueles que o cultivam. De fato, os arrendamentos de glebas de porte médio (a maioria variando entre uma dezena a algumas centenas de hectares) prestam uma dupla mensagem político-ideológica implícita. De um lado, a liberdade, com o fenômeno do acesso à terra de milhares de pessoas que na ausência desse expediente jurídico seriam meios de particulares. No Distrito Federal são uma espécie de "meios" do Estado, coisa que certamente nenhuma de nossas constituições elaboradas até o presente contemplou. De outro lado, a construção de um contrato de uso-fruto que impõe claramente um modelo fortemente padronizado de exploração da terra. - Mais recentemente, Cépède, em outra afirmação cristalinha sobre o mesmo assunto, observara que "por fertilidade de uma terra, é preciso considerar a combinação "terra e clima"... De fato, o clima coloca, frequentemente, mais que a qualidade do solo, que pode em geral ser meliorada, limites absolutos a certas culturas". (14) A liberdade, ou motivação dos homens, para trabalhar "suas" terras, junte-se eticamente o império do clima e a estrutura física do solo, como dizem os agrônomos, e teremos então a equação formada para o entendimento da modernidade no cerrado do Distrito Federal. Se deixarmos a questão filosófica e política da liberdade - que abordaremos na conclusão - e considerarmos um de seus corolários capitalistas, a motivação do ganho, perceberemos que este já está presente no território do DF, em sua roupagem nova, de agricultura voltada para a exportação, há quinze anos, aproximadamente, com o advento da soja

Em último lugar, last but not least, a estrutura física do

lançadas.

sobretudo dos rebanhos, entrando maciçamente na composição de rações ou -  
tituir em parte a utilização da soja, produto mais nobre, na alimentação  
dade e rusticidade agrícola, a par de seu alto teor proteico, poderá subs-  
ção de diversas espécies de feijão quando, que devido à sua alta produtivi-  
leira de Pesquisa Agropecuárias - estuda atualmente um processo de produ-  
cachorra, os aspargos, e diversas frutas raras. A Empresa Brasi-  
dade de forma controlada, como a ervilha, o grão de bico, o tomate, a al-  
igualmente, algumas culturas de alta rentabilidade, que necessitam de humi-  
de uma década. O mesmo clima, com seu período seco bem definido, favorece  
partir de experiências já em curso nas proximidades de Brasília há mais  
conjuntura internacional poderá expandir-se de forma intensa na região, a  
de de exploração agrícola voltada para a exportação, e que, dependendo da  
de a incidência do cancro cítrico, favorecendo igualmente uma nova atividade  
o longo período de estiagem, que vai, grosso modo, de maio a outubro, impe-  
possibilidade da proliferação das larvas nessas condições. Por outro lado,  
dir em anos normais de boa parte dos agrotóxicos e inseticidas, dada a im-  
que essa alta incidência pluviométrica do cerrado da região, faz prescin-  
ininterruptas, favorecem o crescimento da soja, com um detalhe importante,  
vel complicadora no processo produtivo. Os três ou quatro meses de chuvas  
período seco de duas a três semanas em plena estação chuvosa -, como varia-  
favorecida, apesar da ameaça constante do fenômeno do veranico - surto de  
A variável clima se apresenta aqui de forma nitidamente

os grandes produtores.

garante o primeiro termo da equação, de forma relativa, e no que concerne  
que torna essa agricultura altamente competitiva no âmbito internacional,  
de produção em grandes extensões, instalando aqui uma economia de escala  
paulistas no cerrado, com conecimento altamente desenvolvido das técnicas  
rentabilidade agrícola. O numeroso contingente de gaúchos, paranaenses e  
retornos financeiros mais rápidos que outros gêneros, igualmente de grande  
no cerrado. Essa tendência vem se acentuando, já que a soja se apresenta

Alinda, no que concerne a questão dos pequenos e médios produtores, um estudo citado sobre o processo produtivo e acumulação de capital no Distrito Federal, na área rural, apontava em 1978 para a intensificação da agroempresa, "ao mesmo tempo em que a maioria dos pequenos lotes dos núcleos rurais continuava sofrendo bloqueios estruturais que os mantem na condição de reservas de terras e de mão-de-obra". Esse estudo conclui afirmando que somente a doação ou o arrendamento facilitado, temporariamente, ao pequeno agricultor, não seriam suficientes, para a criação de um excedente e a realização dos produtos no mercado". (18) Essas questões levantadas no estudo acima citado encontram-se per-

meando, de forma geral, todo o problema da Reforma Agrária, no país. Nesse

inscrito ainda por muito tempo em nosso horizonte.

"processo sacrificial" centenário, que já durou demais para continuar do arroz e do feijão na mesa de largos segmentos de nossas populações, num já e a carne congelada, não sejamos constrangidos a admitirmos a ausência de peças importantes de nosso modelo produtivo para que exportando-se a mão de o pequeno produtores, reconhecidos mais claramente pela sociedade (16) do, onde o grande produtor já instalado deverá admitir a seu lado, o médio terra de ser dado para se compor o quadro completo da modernidade, no cenário e ninguém como será. Em todo o caso, esse é certamente o passo decisivo que problemática da Reforma Agrária neste país, que poucos sabem quando salta, ação e a colheita. Mencionar este fato é referir-se, mesmo de passagem a acompanhamento intenso das etapas, que vão da preparação do solo, a planta que concentra e densifica a produção, exigindo mão de obra abundante, já sa irrigação deveria favorecer mais os pequenos e médios produtores, es canais principais, igualmente construídos no próprio solo. Naturalmente, este controlada - para a construção de canais adutores, a partir de vários uma espécie de musgo protetor contra a erosão, quando a vazão é corretamente do (15) que utiliza a própria estrutura rígida do solo - no qual se forma - tir a irrigação mais generalizada, através sobretudo da correção, método solo, muito bem constituída, e a abundância de cursos d'água, poderá permiti-

sentido, entendemos que as perspectivas de ocupação do Distrito Federal, deve considerar antes de tudo, ou pelo menos de forma concomitante ao problema do acesso à terra, aquele, mais ideológico, do reconhecimento do pe-  
queno e do médio agricultor como um cidadão à parte inteira, e não apenas como reserva de mão de obra, e ideologicamente um "resíduo" não tratado em quatro séculos de nossa história, numa mistura esdrúxula de componentes pas-  
sivos da escravidão com os elementos ativamente predatórios do extrativis-  
mo e das bandeiras. Atravessamos já duas fases (19) na política agrícola brasileira, segundo uma autoridade no assunto, a tradicional e a de transi-  
ção, e encontramos-nos atualmente na moderna, sem que essa questão tenha sido devidamente considerada em suas dimensões próprias, que se situam na intersecção do econômico e do socio-ideológico e político. Insistimos no Brasil em manter separados os segmentos sociais, não somente do ponto de vista do nível de rendas e do acesso ao consumo, e evidentemente, aos bens de produção, mas mantemos igualmente dissociados nossos segmentos sociais do ponto de vista da participação comum em uma estratégia geral de reprodu-  
ção social que maximize nossos recursos humanos e naturais. O que, no mi-  
nimo constitui-se numa prática dissipativa hoje inconcebível e claramente te deslocada no tempo. Até hoje não produzimos no Brasil, por outro lado, a conjugação dos dois elementos constitutivos por excelência da propriedade - o domínio e a posse, de maneira que desde as primeiras doações das sesmarias até o presente, quem tem a posse, não tem o domínio, e vice-ver-  
sa. Domínio entendido aqui como documentos legitimadores, ante o Estado e a sociedade, da propriedade de um bem; seu título. Geralmente, quem tem o domínio o pratica em grande medida de forma mais ideológica que práti-  
co-instrumental, como referente de prestígio, como elemento heráldico, an-  
tes de tudo, e não como suporte material da produção. Portanto, como dizia em artigo recente um filósofo liberal paulista (20), "no Brasil temos capi-  
talistas, mas não temos ainda o capitalismo", já que as regras mais elemen-  
tares deste, como a exploração organizada e racional dos bens de produção e da força de trabalho, não chegaram ainda ao campo, e, segundo ele, nem  
a indústria.

As dimensões relativamente exíguas do Distrito Federal (da ordem de 5.814 km<sup>2</sup>), por outro lado e as condições de proximidade do poder central e dos órgãos de fomento, bem como a disponibilidade relativa de meios financeiros e técnicos bem superiores à média nacional, poderiam permitir algumas experiências mais aprofundadas sobre essa questão do equilíbrio rural-urbano, permitindo a emergência de novas configurações nesse domínio. Na verdade, o primeiro passo nesse sentido seria, em nosso entender, viabilizar uma maior identificação, no Distrito Federal, entre o homem e a parcela de solo que ocupa, qualquer que seja ela, desatrelando de vez uma dependência em relação a um poder tutelar de Estado. Nesse contexto, o futuro Distrito Federal, em tanto que unidade geo-política autônoma em relação ao protecionismo financeiro Federal que atualmente existe, depende aparentemente da instalação de uma agro-indústria forte e concentrada em produtos nobres (sementes, transgênicos, embriões, seleção de rebanhos finos, conservas alimentares, etc...), bem como do atendimento às necessidades básicas da população como um todo, no que concerne sua alimentação, que seria incrementada via pequena e média propriedades, de alta produtividade. No entanto, para que isso ocorra, o divisor de águas, como dissemos localiza-se em nosso entender na remoção do entrave maior até agora existente - aquele socio-psicológico, econômico e cultural da impossibilidade atual da identificação completa do homem à sua terra, por razões de domínio, sobretudo, bem como por razões de uma visão pervertida dos bens de produção, transformando-os essencialmente em instrumentos de construção política e de referente socio-simbólico, e não em meios de realização de sua finalidade social primordial.

Produzida essa transformação básica, e, segundo toda evidência, necessária, estaríamos criando aqui uma sociedade mais diversificada e consciente de seus deveres para com todos os segmentos dela mesma.

Bibliografia

- Albuquerque, Manoel Maurício
- Alves, Eliseu R. de Andrade
- Bertran, Paulo
- Bertrand, J.P.
- Cato Prado Jr.
- Cassiano Ricardo
- Dowbor, Ladislau
- Guverte, Guy
- Figueiredo, Vilma de Mendonça
- Ilma Barreto
- Melatti, Julio Cezar
- Montesquieu
- "Pequena História da Formação Social Brasileira", Graal, Rio, 1981.
- "A Produtividade da Agricultura", Brasília, Embrapa, 1979.
- "Formação Econômica de Goiás", Goiânia, Oriente, 1978.
- "Les Trois Grands Axes de la Politique Agricole", in Problemes D'Amérique Latine, n.LVI, abril, 1980.
- "Formação do Brasil Contemporâneo", São Paulo, Editora Brasiliense, 1957.
- "Marcha Para Oeste", Rio, José Olympio Editora, 1970.
- "A Formação do Capitalismo Dependente no Brasil", Lisboa, Prelo, 1977.
- "Les Climats et l'Agriculture", Paris, PUF, 1959.
- "A Intensificação da Agro-empresa no Distrito Federal". Série Sociológica - ca, UNB, 1978.
- "Triste Fim de Policarpo Quaresma". São Paulo, Ática, 1986 (1915).
- "Índios do Brasil", Brasília, Coordenação da
- "O Espírito das Leis", Editora da UNB, 1982.



Introdução à História Social da Eco-  
 nomia Pré-capitalista no Brasil, Rio,  
 José Olympio, 1958.

"Viagem ao Interior do Brasil", Rio  
 de Janeiro, IML, 1951.

"O Sistema Semanal no Brasil", Ed.  
 tora da UFB, s/d.

"A Religião e o Surgimento do Capitã  
 lismo", São Paulo, Perspectiva, 1971.

"Frentes de Expansão e Estrutura Agrã  
 ria", Rio, Zahar, 1972.

"Levantamento de Reconhecimento dos Solos do Distrito Federal, Serviço Nacio  
 nal de Levantamento e Conservação de Solos, Boletim Técnico, nº 53, Rio de  
 Janeiro, 1978.

Olíveira Viana

Pohl, João Emanuel

Porto, Costa

Tamney, R.H.

Velho, Otávio Guilherme

- (1) Esses administradores, tinham e continuam tendo em Brasília a postura de interventores, historicamente conhecidos no Brasil. O que aponta, ainda aqui, para uma vertebração extremamente forte do aparelho de Estado. Em muitos casos esses funcionários aterrorizaram profundamente os goianos, que, com suas formas de consciência e de visão de mundo mais conciliadora e atenciosa, própria de um fundo agrário, com esses representantes do aparelho de estado ficavam em desvantagem no embate direto.
- (2) Trata-se de "O Tronco", sobre as guerras sertanejas do sertão do Distrito, perto de Arraias, e de "Veranico de Janeiro", do escritor goiano, membro da Academia Brasileira de Letras, Bernardo Ellis.
- (3) "Coronéis, Candangos e Doutores", de nossa autoria, atualmente em fase de redação final, onde tratamos da questão da identidade social e das relações de poder na sociedade brasileira, que pretende ser uma teoria social do Brasil, a partir de alguns estudos já publicados, e de pesquisa mais recente levada a efeito em Brasília junto a um grupo de empresários, bem como junto a pessoas de várias cidades goianas e mineiras da região.
- (4) Os campos onde se encontra hoje o plano piloto de Brasília, eram habitados de forma costumeira por bandos de emas e de veados, a respeito dos quais muitos de nossos informantes nos deram conta, já que a travessavam exatamente esse espaço, vindo de Formosa em demanda de Uberaba, no Triângulo Mineiro, e vice-versa.
- (5) Ao contrário dos territórios no Oeste e sobretudo ao norte de Goiás, onde eram mais numerosos o encontro dos índios com a frente de pastoreio, local particularmente crítico, como deixa entender o mito Timbira da origem dos brancos, que teriam surgido de um índio com poderes sobrenaturais, chamado Awkã, cf. Melatti, J.C., pg. 27 e 28.
- (6) Refiro-me a Paulo Bertran e a seu livro "Formação Econômica de Goiás-



- (7) A última notícia que se tem de grupos indígenas na região, é de um grupo de Ava-Canoelros constituído de um velho, uma mulher adulta e três crianças, dos quais o último sobreviveu, um dos meninos desse grupo, faleceu recentemente num hospital de Goiânia, conforme notícia nos jornais, sem que tenhamos podido confirmar esta versão.
- (8) In João Emanuel Pohl, cf. bibliografia anexa.
- (9) In Formação do Brasil Contemporâneo, Idem.
- (10) Trata-se de um aspecto de nosso sistema de valores, de nossa visão de mundo, bem conhecido e que caracteriza-se por uma tenue separação entre o bem público e o privado, essencialmente.
- (11) Ver Porto, Costa. "O Sistema Sessmarial do Brasil", UFB, Brasília, sem data.
- (12) Interessante notar que existe um grande aflente de Urucua com o nome exato de Pasmado, no município de Buritis, Minas Gerais.
- (13) Cf. Bibliografia.
- (14) In "Les Climats et L'Agriculture", de Guy Ruverte, Paris, PUF, 1959.
- (15) Método introduzido há mais de 20 anos na região pelo americano J. BATEMAN, responsável pela implantação do sistema de irrigação no Columbia Basin, nos Estados Unidos.
- (16) Ou seja, temos pela frente a tarefa de fazer uma Reforma Agrária que produza o agricultor, como categoria social com lugar de legitimidade plena na sociedade, como discutiremos abaixo.
- (17) Cf. Vilma de Mendonça Figueiredo, op. citado.
- (18) Idem.
- (19) Ver ALVES, Eliséu Roberto de Andrade, Bibliografia anexa.
- (20) Trata-se de Roque Spencer Maciel de Barros, em artigo recente no jornal "Estado de São Paulo".

SÉRIE ANTROPOLOGIA  
TÍTULOS PUBLICADOS

- 01 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Povos Indígenas e Mudança Socio-cultural na Amazônia, 1973. Publicado (1) em A Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor, 2ª edição, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UNB, 1978: 173-196, e em Man in the Amazon, org. por Charles Wagley, Gainesville: The University Presses of Florida, 1974: 111-135.
- 02 - RAMOS, Alcida Rita. Nomes Pessoais e Classificação Social na Sociedade Sanuma (Yanoama), 1973. Publicado no Anuário Antropológico/76:13-38 e em Peasants, Primitives and Proletariats, org. por Browman e Schwartz, Hata: Mouton, 1979: 191-205.
- 03 - MELATTI, Julio Cezar. O Sistema de Parentesco dos Índios Kraho, 1973. Publicado em Dialectal Societies, org. por D. Maybury-Lewis, Cambridge: Harvard University Press, 1979: 46-79.
- 04 - RAMOS, Alcida Rita e Petrano, Mariza G. e S. O Symbolismo da Caga em Dois Rituais de Nominção, 1973.
- 05 - WORTMANN, Klaus. Comunidades e Haciendas no Peru Andino: Contribuição a uma Sociologia do Campestino Latino-Americano, 1973.
- 06 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Um conceito Antropológico de Identidade, 1974. Publicado em Alter 3(4), 1973: 208-219 e em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Ploneira, 1976: 33-52.
- 07 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Processos de Articulação

(1) Os textos republicados nem sempre o são na mesma língua e por vezes sofrem modificações no título e na redação.

- 08 - MELATTI, Julio Cezar. Reflexões sobre Algumas Narrativas Krahô, 1974. A maioria das narrativas, sem as reflexões, publicadas em Folk Literature of the Indians, vol. II, org. por J. Wilbert e K. Simonau, Los Angeles: University of California-UCLA, 1984:316-354.
- 09 - RAMOS, Alcida Rita. Identidade Étnica numa Situação Intertribal, 1974. Publicado em Hierarquia e Simbolismo, org. pela mesma autora, São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1980:23-65.
- 10 - RAMOS, Alcida Rita. Mundurucu. Mudança Social ou Falso Problema?, 1974. Publicado em American Ethnologist 5, 1978:675-689.
- 11 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Possibilidade de uma Antropologia da Ação entre os Tuduana, 1975. Publicado em América Indígena 37(1), 1977: 145-169 e em A Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor, 2ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UnB, 1978:197-222.
- 12 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Reconsiderando Etnia, 1975. Publicado em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Pioneira, 1976:79-109.
- 13 - MELATTI, Julio Cezar e MONTAGNER MELATTI, Delvaír. Relatário sobre os Índios Marubo, 1975.
- 14 - ZARUR, George de C. Leite. Pescadores do Golfo do México: Racionalidade Econômica e Sistema Social, 1976.
- 08 - MELATTI, Julio Cezar. Reflexões sobre Algumas Narrativas Krahô, 1974. A maioria das narrativas, sem as reflexões, publicadas em Folk Literature of the Indians, vol. II, org. por J. Wilbert e K. Simonau, Los Angeles: University of California-UCLA, 1984:316-354.
- 09 - RAMOS, Alcida Rita. Identidade Étnica numa Situação Intertribal, 1974. Publicado em Hierarquia e Simbolismo, org. pela mesma autora, São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1980:23-65.
- 10 - RAMOS, Alcida Rita. Mundurucu. Mudança Social ou Falso Problema?, 1974. Publicado em American Ethnologist 5, 1978:675-689.
- 11 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Possibilidade de uma Antropologia da Ação entre os Tuduana, 1975. Publicado em América Indígena 37(1), 1977: 145-169 e em A Sociologia do Brasil Indígena, do mesmo autor, 2ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Ed. UnB, 1978:197-222.
- 12 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Reconsiderando Etnia, 1975. Publicado em Identidade, Etnia e Estrutura Social, do mesmo autor, São Paulo: Pioneira, 1976:79-109.
- 13 - MELATTI, Julio Cezar e MONTAGNER MELATTI, Delvaír. Relatário sobre os Índios Marubo, 1975.
- 14 - ZARUR, George de C. Leite. Pescadores do Golfo do México: Racionalidade Econômica e Sistema Social, 1976.

- 15 - ZARUR, George de C. Leite. Repensando o conceito de Ma  
trifocalidade, 1976.
- 16 - RAMOS, Alcida Rita. Extinção, Alienação ou Simbiose? 1977.  
Replicado como introdução a Hierarquia e Simblose,  
org. pela autora, São Paulo: HUCITEC, Brasília: INL, 1980:  
01-17.
- 17 - CADAXA, Maria. No Burgo do tempo Perdido: Vondervotheimit-  
tis Revisitado, 177.
- 18 - RAMOS, Alcida Rita e ALBERT, Bruce. Descendência e Afini-  
dade: O Contraste Entre Duas Sociedades Yanomama,  
1977. Replicado nas Actes du XLII Congrès Internacio-  
nal des Américanistes, vol. II, Paris, 1977:71-90.
- 19 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Lettura de Mauss, 1977. Re-  
publicado como introdução a Mauss, org. pelo autor.  
São Paulo, Atica, 1979:05-50.
- 20 - WOORTMANN, Klaus. Hábitos e Ideologia Aliventares em Grú-  
pos Sociais de Baixa Renda. Relatório Final, 1978.
- 21 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade e Estrutura So-  
cial, 1978. Replicado no Anuário Antropológico/78:  
243-263 e em Enigmas e Soluções, do mesmo autor, Rio de  
Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983:103-125.
- 22 - LARAIA, Roque de Barros. A Situação das Minorias Étnicas  
no Brasil, 1978. A parte referente ao negro, empila-  
da, replicada no BIB 7, 1979:11-21.
- 23 - LUSTIG-ARECCO, Vera. Adaptação à Caga: Uma análise Compa-  
rativa, 1978. Replicado na Revista de Antropologia  
22, 1979: 39-60.

- 24 - MELATTI, Julio Cezar. A Procura de uma Classificação dos Personagens Mítico-Rituais Timbiras, 1979; Republicado no Anuário Antropológico/79: 99-130.
- 25 - SYGAUD, Lygia Maria. O Sindicato e a Estratégia do Capital, 1979.
- 26 - AMARAL, Custódia Selma Sena do. Durkheim e o Estudo das Representações, 1979. Republicado no Anuário Antropológico/82: 134-164.
- 27 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Etnia e Estrutura de Classes, 1980. Republicado no Anuário Antropológico/79: 57-78 e em Enigmas e Soluções, do mesmo autor, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983: 126-149.
- 27<sup>a</sup> - SILVERWOOD-COPE, Peter L. Os Maku - Povo Caçador do Noroeste da Amazônia, 1980. O 3º capítulo foi publicado no Anuário Antropológico/78: 176-239.
- 28 - SILVERWOOD-COPE, Peter L. The Secret of The Pagodas (Religion and Politics in South-East Asia) 1981. Traduzido para o português no nº 62 desta mesma série.
- 29 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. As "Categorias do Entendimento" na Formação da Antropologia, 1982. Republicado no Anuário Antropológico/81: 125-146.
- 30 - PEIRANO, Mariza G. e S. Documentos e Identidade Social (Algumas Reflexões sobre Cidadania no Brasil), 1982. Republicado com o título "Sem Lengua, sem documento: reflexões sobre cidadania no Brasil" em Sociedade e Estado, vol. 1 n.1: 49-63.
- 31 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Sociedade Plural" e Pluralismo Cultural no Brasil, 1982. Republicado no Tempo



- Brasileiro 71, 1983: 07-17 e em Proceedings of the American Ethnological Society, Washington, 1984: 35-48.
- 32 - RAMOS, Alcida Rita. Sociedades Indígenas, 1982. República do com cortes, como volume da Série Principios, São Paulo: Ática, 1986.
- 33 - MACHADO, Lia Zanotta. Identidade e Individualismo, 1982.
- 34 - FISCHER, Michael M. From Interpretive to Critical Anthropologies, 1982. Publicado no Anuário Antropológico/83: 55-72.
- 35 - PEIRANO, Mariza G. e S. Etnocentrismo e Aversão: o conceito de "Sociedades Complexas", 1982. Publicado em Dados 26(1), 1983: 97-115.
- 36 - LARAIA, Roque de Barros. O Conceito Antropológico de Cultura, 1983. Publicado com o título Cultura: Um conceito Antropológico, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- 37 - PEIRANO, Mariza G. e S. A Antropologia Esquecida de Florestan Fernandes: Os Tupinambá, 1983. Publicado no Anuário Antropológico/82: 15-49
- 38 - MELATTI, Julio Cezar. Antropologia no Brasil: um Retiro, 1983. Publicado no BIB 17, 1984: 3-52.
- 39 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Introdução a uma Leitura de Rivers, 1984. A ser republicado como introdução a Rivers, org. pelo autor, São Paulo: Ática.
- 40 - WOORTMANN, Kias. A Família Trabalhadora, 1984. Publicado do em Ciência Hoje 3(13), 1984: 26-31 e em Ciências Sociais Hoje/1984, São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1984: 69-87.

- 41 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Tempo e Tradição: Interpre-  
tando a Antropologia, 1984. Publicado no Anuário  
Antropológico/84: 191-203.
- 42 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A "Categoria da Causalida-  
de" na Formação da Antropologia, 1984. Publicado no  
Anuário Antropológico/83: 11-52.
- 43 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Leitura e Cultura de uma  
Perspectiva Antropológica, 1984.
- 44 - PEIRANO, Mariza G. e S. O Antropólogo como Cidadão: Louis  
Dumont e o Caso Brasileiro, 1984. Publicado me Dã  
dos 29 (1), 1985: 27-43
- 45 - RAMOS, Alcida Rita. Categorias Éticas do Pensamento Sã  
numa: Contrastes Intra e Inter-Etínicos, 1984. Repu-  
blicado no Anuário Antropológico/84: 95-108.
- 46 - MACHADO, Lia Zanotta e MAGALHÃES? Themis Quezado de. Imã-  
gens do Espaço: Imagens de Vida (Um Estudo sobre Bra-  
sília) 1984. Publicado em Brasilita, Ideologia e Realit-  
dade: Espaço Urbano em Questão, org. por Aldo Paviani,  
São Paulo: Projeto, Brasília: CNPq, 1985: 191-214.
- 47 - MACHADO, Lia Zanotta. Família, Honra e Individualismo,  
1985.
- 48 - MELATTI, Julio Cezar. A Origem dos Brancos no Mito de Sho-  
ma Wetsa, 1985. Publicado no Anuário Antropológico/  
84: 109-173.
- 49 - MELATTI, Julio Cezar Curt Nummendaju e os Jê, 1985.
- 50 - WOORTMANN, Kias. A Comida, a Família e a Construção do  
Gênero Feminino, 1985. Publicado em Dados, vol. 29,  
n.1, 1986: 103-130.

- 51 - RAMOS, Alcida Rita; LAZARIN, Marco Antonio e GOMEZ, Gale Goodwin. Yanomami em Tempo de Ouro (Relatório de Pesquisa) 1985.
- 52 - RAMOS, Alcida Rita. Sociedades Indígenas. A Classificação de Parentes, 1986. Trecho do nº 32 da Série Antropologia não publicado no volume da Coleção Principípios, São Paulo: Atica, 1986.
- 53 - PEIRANO, Mariza G. e S. "O Encontro Etnográfico e o Dia Logo Teórico". Publicado no Anuário Antropológico/85. Rio: Tempo Brasileiro, 1986.
- 54 - MELATTI, Julio Cezar. "Wênia: A Origem Mitológica da Cultura Marubo", 1986.
- 55b - LARAIA, Roque de Barros. "Os Estudos de Parentesco no Brasil", 1987. Publicado em BIB nº 23, Rio de Janeiro ANPOCS/1987: 3-17.
- 56 - CARVALHO, José Jorge de. "O Jogo das Bolinhas de Vidro: Uma Simbólica da Masculinidade", 1987.
- 57 - PEIRANO, Mariza G. e S. "A Índia das Aldeias e a Índia das Castas: Reflexões sobre um Debate", 1987. Republicado em DADOS-Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1987:
- 58 - PEIRANO, Mariza G. e S. "O Pluralismo de Antonio Candido", 1987.
- 59 - CARVALHO, José Jorge de. "A Força da Nostalgia: A Concepção de Tempo Histórico dos Cultos Afro-Brasileiros Tradicionais", 1987.
- 60 - LARAIA, Roque de Barros. "Etnologia Indígena Brasileira: um Breve Levantamento", 1987.

